

COMO O MARECHAL MONTGOMERY VÊ UMA EVENTUAL

3ª G.M.

Extrato de uma conferência pronunciada pelo famoso Marechal britânico, e publicada pelo "Journal Royal United Service Institution". (Traduzido pelo Capitão Milton Gaspar).

Há quem acredite que a G.M. III já está em curso e que, como cada nova guerra, adotou uma modalidade diferente de todas as anteriores. Denominamo-la "guerra fria", mas também poderíamos chamá-la "paz fria".

Quanto mais progredimos no desenvolvimento das armas de destruição em massa, mais evidente se torna que uma "guerra quente" significaria o suicídio de ambos os partidos contendores.

O objetivo na guerra fria deve ser, portanto, ganhá-la sem desencadear a guerra quente. Porém como a guerra fria (da qual fazem parte guerras quentes locais) pode, por erro de cálculo de qualquer de seus atores, degenerar na G.M. III, temos que constituir uma força militar de tal forma que, convencendo a nosso inimigo de que poderemos destruí-lo se ele iniciar aquela, possa dissuadi-lo de empreendê-la.

Dada a política militar dos países ocidentais, é-nos impossível constituir dita força apenas com os meios clássicos. Não nos resta outro remédio, portanto, senão apelar também para as armas atômicas e nucleares. Ante esta necessidade, o Quartel-General Supremo dos Aliados na Europa (SHAPE) fundamenta seus planos de operações na certeza de que, se o ocidente for atacado, empregará as aludidas armas atômicas e nucleares. Porém o emprego destas exige certa reorganização de nossas forças e alguma modificação de nossa estratégia. O

SHAPE já tem ambas estudadas, mas para colocá-las em prática necessita da ajuda das autoridades nacionais dos diversos países ocidentais.

Entre as medidas necessárias ressaltam-se, por sua importância, as que afetam à defesa civil. Que eu saiba, nenhum país ocidental tem hoje uma defesa civil adequada. As enormes destruições e as numerosas baixas civis que a guerra nuclear pode ocasionar, exigem uma organização da defesa civil que lhe permita "absorver" um ataque de surpresa, para evitar o avassalamento da frente interior. Só assim se poderá continuar a luta. A nova estrutura da defesa civil exigirá algo mais que núcleos de voluntários: terá de possuir também pessoal instruído e disciplinado e bons comandos. Deverá, ademais, existir desde o tempo de paz.

O FUTURO

Para especular sobre o futuro, partirei de uma suposição realista. Vou supor, então, um bloco oriental e outro ocidental, e dentro deste, entre outros países, os da NATO.

Parto do princípio de que o bloco ocidental tem atualmente superioridade em armas atômicas e nucleares, superioridade que diminuirá à medida que passem os anos. Opino, além disso, que estas armas, que têm indubitavelmente um efeito de dissuadir, e por isso podem evitar a guerra, serão empregadas pelos dois lados contendores no ca-

so de que, apesar de tudo, se produza a G.M. III.

Seria um grande erro confiar exclusivamente no bombardeio atômico para ganhar a G.M. III. Só é possível ganhar as guerras lutando, e não apenas por obra e graça de uns bombardeiros, por mais fortes que sejam. Em uma G.M. III, os combates aéreos, navais e terrestres durarão até o fim. Devemos contar com isso e preparar-nos em consequência.

Por outro lado, o hábil emprêgo e a adequada aplicação de fogo nuclear superior em combinação com a atuação de umas forças terrestres "aero-dinâmicas", pode ser o fator decisivo na batalha aérea e terrestre. O problema será como forçar o inimigo a concentrar suficientemente suas forças e a oferecer um objetivo adequado para nossas armas termo-nucleares, sem expor ao mesmo tempo as nossas forças a uma ação inimiga similar.

Ao prever o futuro, devemos dedicar uma atenção especial à organização, às concepções táticas e às armas e equipamentos de que necessitaremos para lutar na forma que o queiramos. Porque nosso futuro depende de que encontremos agora soluções adequadas aos problemas que mais tarde se possam apresentar-nos. Passarei em revista êstes problemas partindo de duas possibilidades distintas: que a guerra se produza por erro de cálculo e que se trate de uma G.M. III deliberadamente projetada.

CASO DE UMA G.M. III POR ERRO DE CÁLCULO

Nesta eventualidade, possível a qualquer momento, poderíamos preparar-nos com o fato de que a constituição das forças aéreas, terrestres e navais que atribuímos aos vermelhos não seja a verdadeira. Se tal acontecesse, o partido ocidental poderia atravessar um período inicial de desconcerto; porém, se se mostrasse capaz de reagir rapidamente, ganharia a guerra.

O leste precisaria de muito tempo para constituir as forças necessárias para infligir-nos danos graves, e a êsse tempo nossas forças

aéreas já haveriam causado grandes perdas aos orientais.

Como esta guerra "por equívoco" pode surgir em qualquer ocasião, teremos que fazê-la com os meios de que então disponhamos e pelo modo com que estejam instruídas as nossas tropas. Ou seja — se ela começar, teremos de fazer o que pudermos com os meios que tenhamos, sem ligar a planos que houvermos projetado para fazer frente a uma situação completamente distinta.

CASO DE UMA G.M. III DELIBERADAMENTE PLANEJADA

Creio que neste caso a guerra teria três fases:

Primeira. Uma pugna pelo domínio do ar e dos mares de todo o mundo. Durante ela, será vital impedir que as forças terrestres inimigas invadam e neutralizem as bases e territórios ocidentais.

Segunda. De destruição das forças terrestres inimigas.

Terceira. Período de negociações, durante o qual a metrópole inimiga, conquanto ainda em seu poder, estará à mercê das forças aéreas ocidentais. Nesta fase prosseguiremos nossos ataques aéreos até que o inimigo aceite nossas condições.

A segunda e terceira fases podem ser simultâneas.

Passemos a considerar a guerra aérea, a marítima e a terrestre, dentro do quadro geral da estratégia enunciada.

A GUERRA AÉREA

A meu ver, da aludida estratégia geral enunciada se depreende claramente que o fator dominante na guerra futura será a aviação. Embora esta grande verdade seja geralmente aceita, o certo é que muito falamos dela, mas não agimos em consequência.

O maior recurso da aviação é sua flexibilidade, e os fatores principais desta são: os métodos de comando e de controle, o rádio de ação dos aviões e a mobilidade do material auxiliar. Em qualquer teatro de guerra, a flexibilidade e a direção centralizada de tôdas as forças aé-

reas são indispensáveis ao êxito.

Porém no ocidente temos sacrificado a flexibilidade, ao basear a organização do comando nas necessidades do "apoio imediato" às forças terrestres, ao invés de baseá-la na necessidade de conseguir um grau máximo de superioridade aérea.

A potência aérea é indivisível. Se a fragmentamos, não fazemos outra coisa que desmontá-la em peças e destruir seu recurso principal: sua flexibilidade.

Se perdermos a guerra aérea, perderemos toda a guerra, e perderemos rapidamente. Os métodos que empregamos nas últimas fases da G.M. II, não são necessariamente os que tenhamos de adotar na G.M. III. Naquela tivemos uma superioridade aérea quase absoluta a partir de 1943. Isso não sucederá na G.M. III, e não poderemos permitir-nos sacrificar a flexibilidade na nossa organização de comando aéreo.

Devemos ter o cuidado de não tirar, dos últimos anos da G.M. II, conclusões falsas para a guerra futura: naquele tempo, já havíamos ganho a guerra aérea.

A aviação com base em terra deverá proporcionar sempre todo apoio aéreo ofensivo que para a guerra terrestre seja necessário, empregando forças aéreas muito instruídas para tal apoio. Mas deverá levar a cabo esta tarefa sem prejudicar sua própria flexibilidade. Em determinadas ocasiões, terá que empregar todas as forças aéreas disponíveis para ajudar a salvar da destruição os exércitos, e a aviação deverá poder enfrentar essa contingência, ainda que surgida inopinadamente.

Feitas estas considerações de ordem geral, passarei a ocupar-me da guerra propriamente aérea.

Se nos for possível mantermo-nos permanentemente em condições de iniciar um tremendo bombardeio nuclear sobre o leste, no momento em que sejamos atacados, os Soviets serão impotentes contra êle. Isso deverá afetar ao emprêgo de suas forças aéreas.

Deverá forçá-los a dedicar grande parte de sua aviação estratégica

visando a destruir nossas forças do mesmo tipo e as instalações de que dependam.

Deverá também compeli-los a aumentar seus esforços de proteção antiaérea, problema difícil para os Soviets.

Assim focalizado o assunto, creio que devemos considerar três eventualidades na guerra aérea propriamente dita:

Primeira. Que a G.M. III se verifique num futuro imediato:

Neste caso, creio eu, ambos os lados empregariam *aviões com piloto*, tanto no campo estratégico como no tático. E será decisiva a *ofensiva aérea*, que nos favorecerá se pudermos reagir tão pronto sejamos atacados.

Não creio que durante este período imediato qualquer dos dois contendores possa criar um sistema defensivo antiaéreo que neutralize e prive de sua capacidade decisiva a ofensiva aérea.

Os resultados da grande batalha pelo domínio do ar terão uma enorme influência no curso de toda a guerra. Devemos ganhá-la.

Mas não podemos confiar em recursos aéreos que dependam da mobilização. As forças aéreas de que necessitemos, juntamente com os meios para mantê-las em serviço, devem existir desde os tempos de paz. E devemos devolver à nossa aviação a flexibilidade que perdeu, centralizando seu comando no escalão mais alto possível.

Segunda. Em futuro não muito longínquo, o leste pode criar uma reserva suficiente de armas atômicas e contar com os meios necessários para lançá-las a grande distância, com o eficácia bastante para assestar-nos um golpe aniquilador em nossa aviação estratégica. Sendo assim, não poderíamos empregar nossas reservas superiores de armas nucleares, e quiçá perderíamos a iniciativa aérea no começo das hostilidades.

Nesse período, creio que os dois partidos continuariam ainda dependendo principalmente dos aviões com piloto, tanto para fins ofensivos como defensivos.

Antes que chegue esse período será de enorme importância que tenhamos conseguido um sistema de alarme aéreo muito eficaz e a defesa antiaérea mais perfeita que os nossos homens de ciência possam proporcionar-nos. Só assim poderemos impedir a mutilação de nossa aviação, estratégica que uma agressão de surpresa seria capaz de ocasionar-nos no princípio da guerra.

Terceira. Mais tarde ainda, lá por 1960, segundo meus cálculos, pode ser que o leste haja conseguido meios práticos de lançamentos de armas termo-nucleares que não precisem de piloto, aplicáveis ao bombardeio a curta e a longa distância. Nossas possibilidades de neutralização desta ameaça mediante operações ofensivas e defensivas, serão muito escassas, porque tais métodos de lançamento (estáticos e móveis) oferecem alvos pouco vulneráveis. Teremos de pensar muito cuidadosamente em quais deverão ser, então, os objetivos da nossa aviação estratégica.

Estaremos nessa época em condições de influir diretamente nas possibilidades de ataques inimigos, mediante o emprego de nossos aviões e de nossos projetis dirigidos?

Não acredito que nem mesmo em tal período hajam desaparecido completamente os aviões. No campo tático sempre haverá missões de apoio às forças terrestres e navais para os aviões pilotados. Os aviões que o inimigo empregue para esse fim, bem como suas bases, constituirão um objetivo importante para nossos aviões e projetis dirigidos.

Uma vez que tenhamos resolvido o problema da permanência prolongada por todo tempo, dos aviões no ar, o poder aéreo será o fator decisivo na guerra. Tal permanência, que ainda não foi conseguida, poderá chegar a ser uma realidade.

O que devemos fazer *agora* é organizar o comando e contróle de nossa aviação de modo que ela conserve a maior flexibilidade possível, centralizando o comando-em-chefe mais elevado que possa exercer-se eficientemente, a fim de que as forças aéreas de um teatro da

guerra possam empregar-se com a eficácia máxima.

Se formos atacados, deveremos pôr em marcha uma ofensiva aérea *imediate* e em massa contra a aviação inimiga e contra o território hostil. Os meios para levar a termo essa ofensiva devem existir desde os tempos de paz.

Devemos forjar um sistema de alarma antiaéreo mundial eficiente, para estarmos em condições de tomar a ofensiva se formos atacados. E devemos estudar urgentemente a defesa antiaérea. Em breve me estenderei sobre este ponto.

É questão de vida ou de morte que nossa aviação seja capaz de "enfrentar" um ataque nuclear para a êle resistir ou a êle replicar. O princípio da dispersão deve ser estudado sob todos os ângulos. Tem-se que abandonar as enormes pistas de cimento de hoje em dia e conseguir aviões que possam decolar e aterrar em pequenos aeródromos disseminados no interior; isso teria uma influência revolucionária na infra-estrutura e nos pouparia muito dinheiro. Neste aspecto oferecem grandes possibilidades os aviões de decolagem vertical.

A GUERRA MARITIMA

Nenhum acontecimento moderno diminuiu ou tem possibilidade de diminuir em futuro previsível a necessidade que têm os ocidentais de transportar seus meios de subsistência através dos oceanos em tempo de paz e em tempo de guerra.

Creio que o oeste não poderia triunfar em nossa hipotética G.M. III se perdesse o domínio do Atlântico, porque se não conseguíssemos despejar na Europa o poderio do continente americano, a Europa cairia.

No mar, os perigos principais são o submarino e o ataque aéreo. Próximo das costas, aumenta este último, e ainda existe o das minas.

A primeira tarefa das forças navais ocidentais é a de manter-se em condições de poder fazer frente a qualquer ameaça contra o domínio do mar que agora exercem.

As forças navais, como as terrestres, necessitam de apoio aéreo. É indispensável, *nas circunstâncias*

atuais, que as esquadras operando nos oceanos tenham suas forças aéreas próprias. As dos países cujas tarefas tenham que se desenrolar inteiramente em mares mediterrâneos, a meu ver não precisarão, por sua vez, de possuir aviação própria.

Minhas considerações anteriores sobre a guerra marítima são válidas para a situação atual e para a previsível durante uns quantos anos mais. Porém quanto mais penso no futuro, mais difícil me parece resolver o problema do domínio dos mares. De onde serão dominados no futuro? Do mar ou do ar

Quando penso no rádio de ação e no poder dos aviões do futuro, e nos aperfeiçoamentos prováveis do radar e de eletrônica, chego à conclusão de que virá o momento em que o fator principal para o domínio dos mares será a aviação.

Parece-me que já são passados os dias dos grandes navios de superfície. É possível que no futuro os pequenos barcos de superfície e os submarinos detenham a maior importância.

Se conviermos em que futuramente o domínio dos mares se exercerá principalmente pelos ares, teremos de considerar se tal domínio não deverá ficar a cargo da aeronáutica propriamente dita ou da aviação naval. Em tal caso, as Marinhas não necessitariam ter aviação própria. Esta eventualidade ainda não ocorreu mas acredito que ocorrerá, e então os custosos porta-aviões não terão razão de existir.

Porém, deixando que o futuro nos esclareça sobre a hipótese exposta, o que desde já não se deveria permitir às Marinhas era a constituição de comandos costeiros, de bombardeio e de caça, que dupliquem a execução de missões que correspondem às aeronáuticas nacionais propriamente ditas.

Em resumo: creio que as novas armas ainda não tornaram antiquados os porta-aviões, mas que o futuro de futuro. E considero que o domínio dos mares passará a ser exercido, eventualmente, pela aviação.

A GUERRA TERRESTRE

Para lutar vitoriosamente em terra necessitamos, como um mínimo, partir das seguintes premissas:

Primeira. Deveremos ter, desde o tempo de paz, forças ativas de alta qualidade, com efetivos de guerra, dispostas a atuar como cobertura, a qualquer instante, *sem necessidade de qualquer trâmite de mobilização.*

Essas forças deverão estar equipadas e instruídas ao máximo, ser muito móveis e contudentes, ter uma moral muito alta e uma perfeita disciplina, sob o comando de chefes jovens e dinâmicos. Essas tropas e esses chefes serão os que têm de aguentar com firmeza, frente aos horrores e terrores nos encontros iniciais de uma guerra atômica, e somente o poderão fazer se estiverem muito bem instruídos e disciplinados. A essas chamaremos "forças do Dia D".

Segunda. Necessitaremos reservas bem organizadas, mobilizadas escalonadamente, cada escalão com a instrução necessária para garantir sua disposição para o combate, no momento em que se necessite. Serão essas as "forças do Dia D - x."

Terceira. Nossas forças, ativas e de reserva, deverão estar apoiadas por uma organização logística existente, no grau necessário, desde o tempo de paz, e em condições que garantam seu perfeito funcionamento nas primeiras semanas de guerra.

Quarta. Deveremos ter uma defesa civil devidamente estruturada em cada país ocidental.

Essas quatro premissas equivalem a um princípio doutrinário: Que as forças ativas existentes em tempo de paz devem bastar para que se torne impossível ao leste a realização de um ataque vitorioso *sem uma constituição de forças* que nós calcularíamos qual fôsse. E assim seria muito difícil que o inimigo nos surpreendesse. A missão dessas forças ativas seria impedir que os orientais atingissem as nossas zonas vitais enquanto providenciássemos para reunir e fazer avançar as nossas forças de reserva.

RESUMO GERAL

Para mim é óbvio que uma força aérea adequada, tornada potente por sua capacidade para o emprêgo maciço de armas nucleares, aumente as nossas possibilidades de defender com êxito o oeste em caso de agressão.

Devemos ter em conta o grande efeito que o progresso das ciências pode ter no fator tempo, durante a guerra. Necessitamos, mais que nunca, ter antes do Dia D, forças dispostas, bem situadas e completamente eficazes contra o ataque de surpresa.

As forças de reserva devem ser organizadas em função do momento em que devam estar dispostas para seu emprêgo. Isto afetará ao estado de preparação em que se devam manter e, até certo certo ponto, em sua organização e material.

Creio que as fases iniciais de uma G.M. III determinarão muito rapidamente o curso da mesma. Seria loucura que predicesse agora que se chegará a uma decisão em tantas semanas ou meses; mas sugiro que uma política que preveja a utilização máxima das armas nucleares na fase inicial imediata da guerra, farão duvidar do valor militar da preparação em tempo de paz de esforços que estejam destinados a produzir um efeito demorado.

A GUERRA AÉREA

Temos que ganhar a guerra aérea, e não a ganharemos a menos que se permita à aviação recobrar a sua flexibilidade e sua unidade, e a menos que o comando se organize para êsses fins. *É indispensável que este assunto se resolva imediatamente, no escalão político mais elevado.*

Devemos conservar em tempo de paz a capacidade para lançar uma ofensiva imediata contra quem quer que nos ataque.

O oeste é vulnerável ao ataque nuclear. Portanto, seria um desperdício inútil manter uma capacidade ofensiva que não seja conjugada com a potência defensiva adequada para que aquela possa aplicar-se partindo de uma base segura. A medida que passa o tempo, e se vão equi-

librando as capacidades ofensivas do leste e do oeste, a vantagem irá pendendo para o lado que melhor possa proteger-se para conservar sua força e contra-atacar.

Atualmente não há defesa segura contra o avião nem contra o foguete de guerra, nem parece hoje possível que se chegue a encontrá-la nunca. Não devemos consentir que persista essa situação. Para acabar com ela deveriam recrutar-se os nossos melhores cérebros para que ajudem, cooperando estreitamente com a aviação. E digo "aviação" porque creio que a defesa antiáerea deve ser organizada e servida por ela.

A GUERRA MARÍTIMA

Se nossas forças terrestres conservarem suas posições, nossos riscos marítimos poderão manter-se dentro de proporções razoáveis.

Hoje em dia esta guerra corre a cargo da Marinha, e deve prover-se a esta com os meios que garantam o domínio dos mares e com o acesso aos portos que não sejam essenciais, porém a mais nenhum outro. É vital que êsses meios não se dissipem em tarefas que não afetem a guerra no mar.

Porém não devemos encerrar-nos em tradições já postas em cheque. Chegará o momento em que teremos de planejar e de organizar-nos para dominar os mares partindo do ar.

A GUERRA TERRESTRE

Das três forças é a de terra a que tem diante de si a tarefa mais difícil no que respeita a sua organização com vistas ao futuro.

Devemos estudar seriamente a futura modalidade de guerra terrestre. É de pouca utilidade sobrepor novas armas à estrutura das Unidas da G.M. II, para depois tratar de deduzir as mudanças pertinentes em sua tática. Temos de examinar o problema a partir de outro ângulo.

Devemos examinar nosso Exército e seu material para ver as modificações que são necessárias na era atômica. Precisa-se de uma completa reorganização das forças de reserva de todos os países ocidentais, porque o sistema atualmente segui-

do para formá-las está, em grande parte, antiquado.

Na reorganização das forças terrestres deve-se dar a maior importância à mobilidade tática e estratégica e à simplicidade dos sistemas de armamento. Necessitamos de Divisões que possam mover-se rapidamente por via aérea; isso exige aviões adequados para seu transporte.

Para tirar o máximo partido da enorme potência de fogo das armas nucleares, e para evitar sua destruição pelos ataques nucleares inimigos, nossos Exércitos devem formar um tipo de chefe mais dinâmico e oportunista do que o agora existente, tanto no generalato como mais abaixo. Esse novo tipo de chefe deve ser imaginativo, audaz e capaz de colhêr no vôo as fugazes oportunidades que se apresentarão localmente; deve-se instruí-lo para atuar independentemente e imediatamente, dentro do estabelecido num plano geral, em vez de fazê-lo amarrado a ordens precisas e detalhadas ou a prévia consulta ao superior. Devo acrescentar que essas qualidades deverão ser exigidas igualmente aos chefes da Marinha e da Aviação.

As forças terrestres devem depender menos que atualmente das estradas e ser mais capazes de se moverem através campo.

O sistema de abastecimento dos Exércitos deve ser simplificado, já que estes haverão de depender muito menos que hoje de linhas de abastecimento fixas, tais como estradas e ferrovias, que exigem frequentes baldeações da carga.

As forças terrestres necessitam uma linha de abastecimento baseada no transporte por via aérea, que as torna independentes da eventualidade de perderem sua eficácia quando o inimigo corte suas comunicações terrestres. O futuro sistema proverá ao abastecimento aéreo de umas "zonas avançadas de mantimentos", a partir de bases situadas muitos quilômetros à retaguarda e bem disseminadas. As Divisões extraem o que necessitam das ditas "zonas de mantimentos", enviamdo a elas seus veículos de transpor-

te de tração com lagarta, utilizáveis, portanto, através campo.

O transporte aéreo desde os armazéns-bases até as zonas de mantimentos, deverá fazer-se com algum tipo de avião de decolagem e aterrissagem vertical que seja capaz de voar horizontalmente a velocidades similares às dos aviões comuns. O abastecimento aéreo deverá poder se realizar, quaisquer que sejam as circunstâncias meteorológicas, e tanto de dia como de noite. Como a distância sobre a qual se leve a cabo esse abastecimento deverá ser a mais curta possível, os armazéns-bases terão que se adiantar de vez em quando junto com a primeira linha.

Haverá que determinar se esse abastecimento aéreo deverá correr por conta do Exército ou da Aviação. E a decisão deverá ser tomada no mais alto escalão inter-Exércitos. Pessoalmente acredito que deveria correr a cargo da Aviação, pelas razões seguintes:

1. Nenhum país, por mais rico que seja, poderá dotar a cada uma das três forças de todos os meios de transporte aéreo de que num momento crítico possa necessitar.

2. Se esses meios de transporte de que necessita o Exército se integrarem organicamente nêle, resultarão mais caros do que se dependerem da Aviação. E se os tiver organicamente, o Exército nunca os terá bastante.

3. Em tempo de guerra necessitar-se-á de uma grande flexibilidade para as grandes concentrações que com urgência serão necessárias nos teatros de operações. Será também necessária uma grande competência para manter o transporte aéreo durante todo o tempo.

4. O transporte aéreo necessitará de cobertura e proteção aéreas. Terá que ser encaixado, portanto, na organização operativa aérea. Em outras palavras, um sistema de transporte aéreo não pode separar-se das operações aéreas.

Interessa muito que a decisão sobre este ponto se tome prontamente, e desde logo, antes que se promova uma discussão entre a Avia-

ção e o Exército, que possa perturbar as relações entre ambos.

Uma organização de abastecimento aéreo contribuiria para aliviar o enorme aparelhamento administrativo que hoje imobiliza os exércitos de terra, eliminando um exagêro de unidades e estabelecimentos que os fazem depender das estradas, e devolvendo-lhes sua mobilidade táctica.

Para mim é óbvio que a futura guerra terrestre será muito diferente da G.M. II. Devemos cuidar muito especialmente que nossos progressos científicos e mecânicos se apliquem devidamente. Não devemos aplicá-los para fazer com que as armas atuais sejam mais eficazes em seu emprêgo em circunstâncias que já passaram e que não mais ocorrerão.

A CHAVE DO PROBLEMA DO OCIDENTE

O lema dos ocidentais deve ser: "a força pela unidade, a paz mediante a força".

Devemos compreender que o perigo da guerra subsistirá, enquanto os objetivos fundamentais dos dois partidos, oriental e ocidental, estejam em luta direta, e que se a guerra geral estalar, o bombardeio nuclear mútuo será também geral.

O estudo da guerra revela um processo de mutação inexorável. Virtualmente, a mutação é, de vez em quando, inevitável, e hoje é iminente. O que não se dá inevitavelmente é o progresso.

O progresso depende, em primeiro lugar, de decisões corretas e, depois, da ação correspondente. Estas decisões devem ser tomadas agora, e imediatamente se deve ordenar sejam postas em execução.

Estamos hoje numa encruzilhada, sem saber que rumo tomaremos.

No futuro será impossível uma defesa absoluta contra os ataques aéreos. A medida mais segura para que um agressor pense bem antes de atacar, é dispormos dos meios para contra-atacar instantaneamente, com um ataque maior do que o dêle. O ocidente deve procurar essa garantia constituindo as forças aéreas adequadas.

Depois, é vitalmente necessário guardar-nos contra a traição e contra um ataque de surpresa, pondo-nos em condições de aguentar um ataque dêsse tipo, todo o tempo que seja necessário para podermos lançar mão das armas protegidos por uma cobertura suficiente que permita a mobilização de nossa força coletiva.

Devemos também colocar-nos em condições de "encarar" um ataque atômico e termo-nuclear, e cuidar de que nossos meios de represália não se traumatizem por um ataque súbito.

Nunca como agora, tem sido tão vital viver verdadeiramente preparados para a guerra. Se desde agora pudermos-nos organizar melhor que nossos eventuais inimigos no que se relaciona com o potencial humano, a produção, forças armadas e Defesa Civil, e preparar uma transição fácil de pé de paz a pé de guerra, ganharemos uma vantagem inicial e, finalmente, a guerra, no caso de que esta se produza.

Devo fazer constar que, apesar do que já disse, não devemos precipitar-nos a fazer grandes transformações, nem botá-las em prática sem que antes estejamos seguros de que são convenientes.

O de que hoje necessita o ocidente é um toque de clarim, uma chamada inequívoca para que despertemos e, deixando as doutrinas e métodos já caducos, nos reorganizemos, aproveitando ao máximo o progresso das ciências. A chamada deve fazer-se na chave inter-Exércitos.

Hoje se fala muito de cooperação internacional. Pois bem: o passo prévio para ela, no campo ocidental, é a cooperação inter-Exércitos nos diversos países que dêle fazem parte.

Temos de compreender que, por considerações políticas, financeiras e econômicas, é impossível que as forças armadas recebam tudo de que necessitam. Por isso, é importante concentrarmo-nos nas coisas essenciais e estabelecermos uma ordem de urgência correta entre elas.

Na era científica em que vivemos, os governos têm que assegurar-se

de que suas forças armadas e suas medidas de segurança se enquadram no conjunto das realidades econômicas e que se baseiam numa adequada distribuição das responsabilidades entre os diversos elementos.

ELEMENTOS DE DEFESA PARA UMA EVENTUAL G.M. III

Se tem valia o que estou dizendo, o futuro exigirá:

- a) Maiores forças aéreas.
 - b) Forças terrestres de primeira linha menores, dispostas para seu emprego imediato, de grande mobilidade estratégica e tática. Reservas melhor organizadas e mais eficientes.
 - c) Forças navais menores.
 - d) Que a organização das forças aéreas, navais e terrestres, se baseie em mais elementos atômicos e nucleares e em efetivos menores que atualmente.
 - e) Uma organização da Defesa Civil suficientemente preparada desde o tempo de paz, para assegurar seu funcionamento com a máxima eficiência em um momento de crise. Deve-se ter em conta, a esse respeito, que, embora se possa sofrer uma enorme destruição na zona de explosão de uma arma nuclear, será possível mitigar muito seus efeitos na periferia da dita zona.
- O objetivo geral deverá estar em manter os gastos da defesa dentro de limites que permitam manter de pé durante muitos anos os princípios militares adequados. Isso tornará possível a devida continuidade e estabilidade aos planos da aludida Defesa.

CONCLUSÃO

Sei que a minha opinião, no que se relaciona aos itens b) e c), está em luta com a geral no Exército e na Marinha, respectivamente. Apesar disto, creio haver oferecido uma contribuição construtiva ao problema que a segurança do mundo ocidental nos apresenta.

Para terminar, devo ainda acrescentar algumas considerações, a saber:

1. A Marinha, o Exército e a Aviação constituem uma "equipe".

Individualmente, cada um deles pode conseguir pouco; juntos, a "equipe" pode conseguir a vitória. O progresso das ciências pode alterar suas funções clássicas fazendo com que parte das antigas responsabilidades de uma das forças passem a gravitar sobre outra. Em particular, a Aviação está-se revelando como o fator dominante, como a Arma decisiva, da guerra moderna. Isto vai originar problemas difíceis. Para resolvê-los, temos que nos elevar sobre a côr do uniforme que vistamos.

No que se relaciona à Aviação, duas considerações deverão ter-se em conta ao reorganizá-la: a necessidade de um alto grau de centralização, requisito prévio de sua eficácia geral, e a de descentralização, que para desempenhar seu trabalho de membro da equipe também lhe é necessária.

Ambas as necessidades parecem contraditórias. Não acredito que o sejam, e estou seguro que se poderá atender a ambas, cada uma por sua vez. O importante é que a solução deste problema se alcance sem ferir nenhuma susceptibilidade e sem discussões entre as forças.

2. Tenho prognosticado um grande aumento das funções da Aviação. No momento é duvidoso que esta possa fazer frente a tôdas. Mas devo ir-se preparando para aceitá-las e, dentro dos anos em que delas se vai precisar, desempenhá-las.

3. Hoje em dia estamos gastando somas enormes em estudos e experiências sobre armamentos. Mas as novas armas e equipamento técnico nos servirão de muito pouco, se não contarmos com o número de oficiais e especialistas competentes para empregá-las e conservá-los.

As três forças não têm completos os seus plantéis de técnicos e de profissionais. Isto se deve menos à exiguidade dos vencimentos que às "condições" do serviço.

Não seria conveniente equilibrar melhor as necessidades de investigação científica e de pessoal executivo especializado? Em outras palavras, não deveríamos gastar menos

em investigação científica e mais na melhoria das condições de vida dos profissionais das três forças?

4. Os sistemas de mobilização atuais necessitam um drástico reajuste. Em sua maioria são demasiado lentos para a guerra nuclear.

Nesta era atômica, devem ser tais que um simples aviso pelo rádio surta efeito em questão de horas; deve basear-se num sistema descentralizado de convocação e em depósitos de equipamentos disseminados. De-

ve apoiar-se em corpos de reservistas que desde o tempo de paz saibam exatamente o que não de fazer no momento da mobilização e possam fazê-lo rapidamente.

5. A Defesa Civil deve ser promovida ao posto que por direito lhe corresponde na Defesa Nacional. Ao meu modo de ver, a equipe triangular Exército-Marinha-Avição converteu-se em uma outra quadrangular, na qual o quarto membro é a Defesa Civil.

GLICERINA "GLINOBEL"

Para dinamite, etc. — 99,0% glicerol (mínimo) 30°Bé

A glicerina é um produto básico para várias indústrias, algumas requerem uma glicerina quimicamente pura, outras o tipo chamado "Industrial" ou "Loura"

PRODUTO DA

CIA. CARIOCA INDUSTRIAL

Rua 1.º de Março, 6 - 10º and. — Vendas: Tels. 43-7162 e 23-2010

RIO DE JANEIRO

CASA ADRIANINO

FOGOS, ARMAS, MUNIÇÕES E EXPLOSIVOS
PAPELARIA, ARTIGOS ESCOLARES E PARA ESCRITÓRIO

Manoel Luiz Alves & Cia. Ltda.

MATRIZ:

RUA OLIVEIRA BOTELHO, 1579 — NEVES — SÃO GONÇALO
ESTADO DO RIO

FILIAL:

ESTRADA DO LARANJAL, 37 — RODO DO ALCANTARA

TELEFONE 5672

RODRIGUES D'ALMEIDA

COMÉRCIO E INDÚSTRIA S. A.

IMPORTADORES E EXPORTADORES — ATACADO E VAREJO

Louças, Porcelanas, Cristais, Vidros, Metais, Ferragens, Sortimento
Completo e Especializado para: Hotéis, Colégios, Bares e Famílias

RUA CAMERINO, 97 A 107 — TEL. 43-5629 — REDE INTERNA

RIO DE JANEIRO

Filiais: Rua Benjamin Constant, 158-4º — Telefone 36-3839 — São Paulo
Rua Tupinambás, 643-Sobreloja — Telefone 4-0576 — Belo Horizonte